



Transgressão, transcendência e esperança: Os quadrinhos poético-filosóficos de Edgar Franco¹.

Elydio dos SANTOS NETO²

RESUMO

O texto parte de uma definição de quadrinhos poético-filosóficos e defende o registro de sua produção bem como o aprofundamento da reflexão que possibilitam. Em seguida apresenta o autor Edgar Franco e seu universo ficcional, para então mostrar três aspectos constitutivos de sua identidade autoral: a transgressão, a transcendência e a esperança. Termina apresentando a HQ “Parto” e apontando contribuições do autor para o momento contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: quadrinhos poético-filosóficos, Edgar Franco, aurora pós-humana, arte, transgressão.

Os quadrinhos poético-filosóficos e a cultura brasileira contemporânea

Desde 1980 um grupo de artistas brasileiros vem criando um tipo de quadrinhos batizado por alguns de quadrinhos poéticos, como é o caso da preferência de Henrique Magalhães (2000, p. 17; 2007), por outros de quadrinhos poético-filosóficos (Franco, 1997, p. 54) e, por outros ainda de fantasia filosófica (Torreiro, 1997, p. 15; Andraus, 2007, p. 8). Alguns artistas representantes deste grupo são: Flávio Calazans, Edgar Franco, Gazy Andraus, Henry e Maria Jaepelt, Wally Viana, Joacy Jamys e Antonio Amaral.

Henrique Magalhães (2000, p.18) explicita as características das HQs³ poético-filosóficas e porque as classifica como história em quadrinhos de fato:

O ponto comum desses autores é a produção de quadrinhos de caráter muito pessoal, que poderemos considerar como sendo poéticos e filosóficos, pois aludem às questões mais interiorizadas de cada um. Outro elemento marcante é o rompimento com a formalidade dos quadrinhos comerciais, com a freqüente eliminação do quadro como limite espacial e pelo afluxo atípico da narrativa. (...) É certo que os quadrinhos podem prescindir do texto, mas não o contrário: não se concebe uma história em quadrinhos sem imagens. Portanto, o texto deve estar vinculado à imagem, complementando-a ou reforçando-a, sem descrevê-la literalmente. (...) Nesta categoria encaixo as histórias em quadrinhos ‘poéticas’. O texto divide com a imagem a função da comunicação, tornando-se inseparáveis e complementares. Como ocorre, aliás, com as melhores histórias em

¹ Trabalho apresentado no NP Produção Editorial do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Educação pela PUC-SP, graduado em Filosofia e Pedagogia, docente-pesquisador do Mestrado em Educação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), membro do Observatório de Quadrinhos da USP, do Grupo INTERESPE e do Grupo de Estudos e Pesquisa Paulo Freire da UESP. Pós-doutorando no Instituto de Artes da UNESP com a pesquisa “As Histórias em Quadrinhos poético-filosóficas no Brasil: Contextualização histórica e estudo das interfaces educação, arte e comunicação”.

³ Histórias em quadrinhos.



quadrinhos, de qualquer gênero. Não resta dúvida, portanto, que os ‘poemas ilustrados’ são histórias em quadrinhos e formam um gênero à parte, os “Quadrinhos Poéticos”. Nele, o autor trabalha sua subjetividade, aguçando a percepção do leitor e propondo novas formas de leitura. Uma leitura centrada na imagem que eventualmente é complementada pelo texto, que por sua vez apresenta-se repleto de subjetividade.

As duas últimas décadas do século XX trouxeram mudanças significativas tanto no cenário internacional como nacional. Vimos o avanço radical do neoliberalismo e da globalização econômica; a crise e o desmoronamento do socialismo real expresso, de modo simbólico, na queda do muro de Berlim; a crise dos paradigmas tradicionais para a produção de conhecimento e a emergência de um discurso, de caráter pós-moderno, que afirma a impotência da condição humana para a construção de utopias de igualdade e transformação da sociedade; os estupendos avanços da tecnologia favorecendo, por um lado, o aumento de benefícios em termos de saúde, educação e comunicação, mas, por outro, permitindo a sofisticação do consumo e o conseqüente aumento da exclusão e do fosso entre ricos e pobres; a emergência econômica de países do oriente; os conflitos bélicos entre nações do ocidente e do oriente com conseqüências e implicações imediatas para os demais países do planeta, principalmente aqueles com condições econômicas mais consolidadas; e, ainda, a agonia do planeta, de modo especial em seus aspectos ambientais, sob o forte caráter predatório das relações exploratórias estabelecidas pelos seres humanos.

Este contexto nos faz perguntar: Que mundo estamos construindo? Para onde estamos caminhando? A história acabou mesmo? Não há saídas? Não será possível justiça e solidariedade sobre o planeta Terra? E nós brasileiros estamos fadados a simplesmente repetir o sucesso e a imposição de outras culturas? Temos uma contribuição a dar neste momento de construção/desconstrução da civilização planetária? É neste quadro de perguntas e dúvidas que compreendo a importância de um trabalho que, como este, tem por objetivo registrar e refletir sobre uma determinada produção cultural artística brasileira: os quadrinhos poético-filosóficos. Este trabalho, portanto, justifica-se por ser um registro de uma criação cultural, os quadrinhos poético-filosóficos brasileiros, que dialoga com as questões existenciais do homem contemporâneo e também porque poderá auxiliar a entender como a educação, a arte e a comunicação estão imbricadas na cultura contemporânea e quais problemas e possibilidades de respostas criativas estão presentes neste universo no atual momento



histórico de nossa cultura. Esta pesquisa refere-se especialmente ao trabalho artístico de Edgar Franco, principalmente às HQs.

O “estranho” Edgar Franco

Em entrevista concedida a Ana Lúcia Pessotto dos Santos e Otávio Guimarães, para a Revista Eletrônica Mafuá, quando indagado sobre o caráter “estranho” de si mesmo e do seu trabalho Edgar Franco respondeu o seguinte:

Sim, concordo plenamente e, a bem da verdade, adoro ser “estranho”. A humanidade nada deve aos “normais”, todas as reais benesses que contribuíram para a evolução da consciência humana vieram de homens chamados de loucos ou, no mínimo, estranhos. Sou certamente um estranho em todos os círculos sócio-culturais pelos quais trafego! (Santos & Guimarães, 2008).

O “estranho” Edgar Silveira Franco nasceu na cidade de Ituiutaba, Minas Gerais, no ano de 1971. É graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília. É mestre em Multimeios pela Unicamp e em sua dissertação estudou as histórias em quadrinhos na internet, batizando esta linguagem híbrida de quadrinhos e hipermídia de Hqtrônicas. Os resultados desta pesquisa estão publicados em seu livro “Hqtrônicas: do suporte papel à rede internet” (Franco, 2004). Fez o seu doutorado na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) no qual defendeu a tese “Perspectivas pós-humanas nas ciberartes”. Neste trabalho o autor “contextualiza e analisa poéticas artísticas e visionárias de alguns ciberartistas que vêm refletindo continuamente sobre o avanço da tecnologia nos campos da genética, robótica e telemática e de sua relação com o corpo e a consciência” (Franco, 2006, p. 4).

Desde a infância Edgar Franco desenvolveu um grande amor pelas histórias em quadrinhos e, aos doze anos de idade publicou sua primeira HQ num fanzine⁴. É um artista polivalente criando músicas⁵, ilustrações e histórias em quadrinhos, para tanto usando os recursos tradicionais destes campos, mas também, e hoje em grande intensidade, os recursos multimídias possibilitados pelo estupendo desenvolvimento da computação. No campo das HQ tem muitas páginas publicadas em revistas do Brasil e do exterior: *Quadreca*, *Brasilian Heavy Metal*, *Nektar*, *Metal Pesado*, *Quark*, *Mephisto* (Alemanha), *Dragon’s Breath* (Inglaterra), *Ah, BD!* (Romênia), além das revistas

⁴ A HQ chama-se “O Filho de Lúcifer” e foi publicada no fanzine intitulado “Odisséia”, editado em Mogi das Cruzes (SP).

⁵ Em 2007 Edgar Franco lançou seu primeiro CD oficial por uma gravadora suíça (Legatus Records): Posthuman Tantra.



Arlectos e pós-humanos volumes 1 e 2 (SM Editora), dos álbuns *Transsessência*, *Agartha* e *Elegia* (pela Marca de Fantasia) e de *BioCyberDrama*, em parceria com o renomado desenhista brasileiro Mozart Couto (Opera Graphica).

Até a metade do primeiro semestre de 2008 trabalhou como docente nos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Ciências da Computação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Campus Poços de Caldas. A partir de então assumiu a cadeira de Arte e Mídias Digitais na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Edgar Franco sintetiza, pois em si as complexas figuras do artista multimídia, do pesquisador em histórias em quadrinhos, artes e mídias digitais e, ainda, do professor. Na entrevista acima referida afirmou (Santos & Guimarães, 2008):

Alguns anos atrás descobri uma contradição incômoda em minha vida, quando as pessoas viam o meu trabalho e depois me conheciam, ficavam estupefatas! Eu era muito diferente daquilo tudo – visualmente falando – foi aí que descobri a importância de o criador se assemelhar às suas criaturas não só em essência, mas também em aparência. Comecei a mudar meu visual, introduzir estranhezas nele, assumir-me por completo como estranho. Curiosamente o resultado disso foi meu trabalho artístico ganhar mais força e coerência.

Nas figuras abaixo Edgar Franco antes e depois da mudança de visual a que se refere:



Antes: Edgar Franco em auto-retrato



Depois: foto para divulgar Posthuman Tantra

A aurora pós-humana: o universo ficcional de Edgar Franco

Histórias em quadrinhos e músicas podem ser simples mecanismos alegres para que dancemos e demos graças à vida, para que afloremos a criança interior...Mas, também podem (e devem) nos avisar quando começamos a singrar por caminhos obscuros, estranhos e perigosos, que nem sempre contemplam a fraternidade e a vida, como o desabrochar de uma flor...

Gazy Andraus



A imaginação, embora tenha sido e ainda seja fundamental em todo processo humano de desenvolvimento, tem sido vista pelos rigoristas da moral e do cientificismo realista como um canal que desvia da “verdade” e da “correta” visão da realidade. Para muitos ela é a mãe da ilusão e da fantasia, ou seja, de tudo aquilo que nos tira do “real”. Entendo a imaginação como uma qualidade que nos liberta dos determinismos do presente; não no sentido de fugir dos problemas do presente, mas no sentido de poder pensar o presente sob aspectos diferentes daqueles que a realidade nos apresenta e de, assim, buscar construir respostas novas aos problemas que nos ameaçam. A transformação da realidade nasce dos sonhos e os sonhos nascem da imaginação que ajuda a ver o presente de forma diferente daquilo que ele é. Assim a ficção pode ser um grande meio para pensar e transformar o presente. Também a ficção científica.

Ficção e ficção científica, por não apresentarem frutos de pesquisa científica (embora muitas vezes estejam fortemente embasadas nas construções científicas), mas sim da especulação e da imaginação, têm sido sistematicamente desprezadas, sobretudo na perspectiva cartesiana. É possível, no entanto, pensar, por exemplo, que os ficcionistas colocam a imaginação a serviço da reflexão que toma como ponto de partida os problemas gerados pela ciência e pela tecnologia de nosso tempo. Edgar Franco criou um universo ficcional próprio para pensar a humanidade, a aurora pós-humana, e ao trazê-la projetada para o futuro, pelo poder criativo da imaginação, os problemas que estamos vivendo hoje. A intenção, assim compreendo, não é fugir dos problemas. Ao contrário. É uma opção de enfrentamento dos problemas considerando não apenas nossa razão, mas também nossa sensibilidade, nossa intuição, nossa capacidade de seres da narrativa e da criação que partem da experiência existencial. Toda a produção recente de Edgar Franco – das HQs impressas à produção musical, passando pelas HQtrônicas⁶ – toma como referências para a construção de suas narrativas – visual, poética e musical – os problemas da aurora pós-humana. Vou destacar a seguir apenas algumas das criaturas presentes na complexa obra de Edgar Franco com o objetivo de refletir e comentar alguns aspectos que ela me sugere e que considero muito importantes.

⁶ Além do álbum BioCyberDrama, das revistas Arlectos e pós-humanos e das Hqtrônicas (como “Ariadne e o labirinto pós-humano” e “NeoMasoPrometeu”), o leitor interessado poderá encontrar detalhes do universo de Edgar Franco nos capítulos IV e V de sua tese de doutorado (Franco, 2006, p. 151 – 229).

A aurora futurista de Edgar Franco traz três tipos de seres⁷ que ameaçam a compreensão que atualmente temos do que é ser humano, daí o caráter pós-humano de seu trabalho que tende a chocar já de saída: haverá algo depois do humano? Os seres, criados pela sua imaginação são: os Tecnogenéticos (radicais, tradicionais e livres); os Extropianos (avançados, iniciados e neófitos) e os Resistentes. Um dos primeiros detalhes que me chamou a atenção sobre estes diferentes seres, quando fiz contato com este universo por meio do álbum BioCyberDrama (Franco & Couto, 2003), é que cada um desses grupos privilegia um determinado aspecto da complexidade humana. Assim, os Tecnogenéticos privilegiam o aspecto animal buscando assumir as características de um animal que escolheram como seu totem; os Extropianos vêm no conhecimento o objetivo maior de todo viver e, com base nisto, transportam suas consciências para máquinas que, libertas do limite dos corpos físicos, podem dedicar-se inteiramente à tarefa de investigação-assimilação-produção de conhecimento; por fim, os Resistentes embora utilizem conhecimentos e tecnologias tanto dos Tecnogenéticos quanto dos Extropianos, evitam as tecnologias mais radicais e procuram reproduzir a vida de seus antepassados humanos.

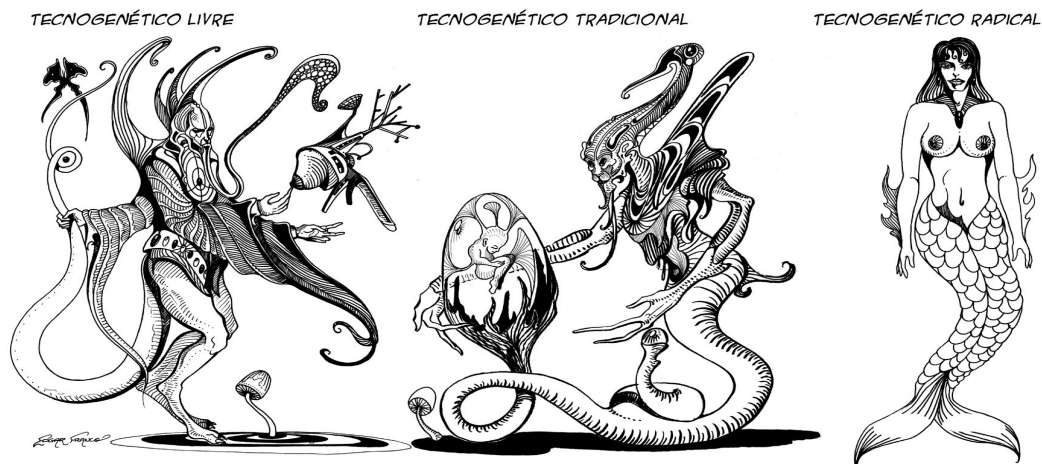


Figura 20 - Classes de Tecnogenéticos

É interessante notar que no caso do Tecnogenéticos e dos Extropianos há uma opção por privilegiar um dos aspectos humanos: o aspecto animal, nos primeiros; a racionalidade/conhecimento nos segundos. Esta opção, percebida desde o interior de cada grupo como sendo a melhor, é, em verdade, uma opção reducionista que elimina outros aspectos do complexo que os originou. Os Tecnogenéticos, ao privilegiarem a animalidade, não perdem sua racionalidade (têm templos, fazem discursos, organizam-

⁷ As numerações das figuras desenhadas por Edgar Franco obedecem à numeração apresentada em sua tese de doutorado.

se, elaboram planos, justificam suas opções...) e nem suas emoções, mas as subordinam, juntamente com outras características, ao aspecto animal.

No caso dos Extropianos a opção, igualmente reducionista, é pela racionalidade/conhecimento. A opção é tão radical que chegam ao ponto de abdicar do corpo e de toda forma de leitura sensorial/sensível que este faz sobre o mundo e as relações. A aparente superação da morte que este grupo conseguiu é negada pelo Extrosuicídio – o suicídio cometido por um Extropiano em estágio já muito avançado de experiência nesta condição – por meio do qual a memória de um Extropiano é apagada e ele deixa de existir.

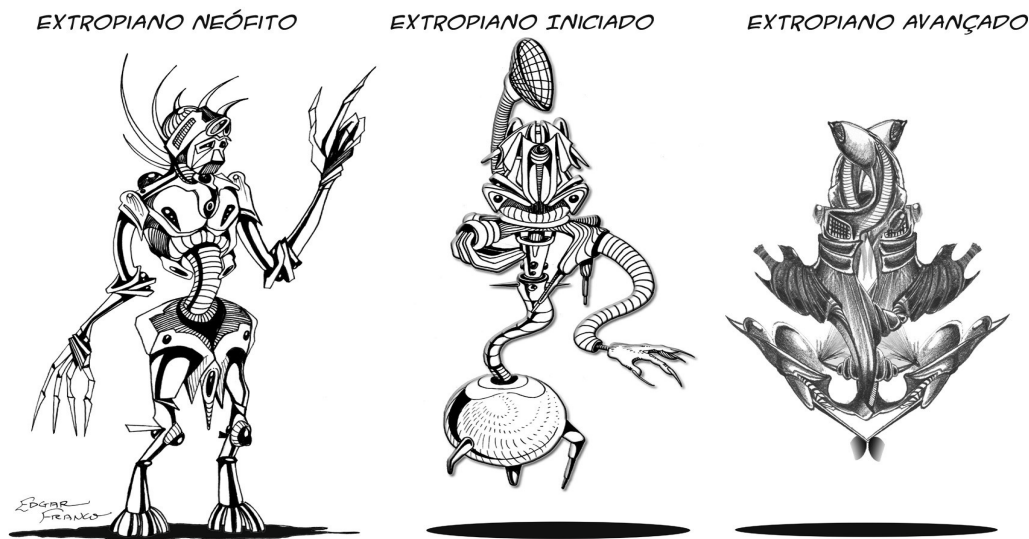


Figura 21 - Classes de extropianos.

Estamos falando de um mundo imaginário. Por que digo, então, que há reducionismos e negação da inteireza por parte desses seres? Por que nem Tecnogenéticos e nem Extropianos parecem “plenamente” realizados nas histórias, apesar de seus discursos a favor da própria cultura: os Tecnogenéticos precisam de uma “religião” para afirmarem-se e, frequentemente, apelam para a violência buscando impor sua visão de mundo e seus valores; os Extropianos chegam a suicidar-se apesar de terem obtido a “vida eterna”.

Penso que os Tecnogenéticos e Extropianos representam bem diferentes grupos, também com opções reducionistas, presentes em nossa cultura contemporânea. Entre nós as opções reducionistas vão desde as étnicas, passando pelas sexuais, políticas, religiosas e de classes sociais. E assim como Tecnogenéticos agridem Extropianos, também nós temos culturas que se dizem mutuamente: “nossas duas culturas não podem

viver juntas sobre este planeta. Ou ficam vocês ou ficamos nós”. Intolerâncias com raízes reducionistas.

E quanto aos Resistentes? Os Resistentes são aqueles que perceberam, talvez, os limites das opções reducionistas, mas, por outro lado, estão pressionados pela condição do inacabamento e da história que está, a todo o momento, exigindo novas respostas e novas construções culturais. Se os Resistentes vivem como seus antepassados viviam, em algum momento isto terá que mudar, pois o tempo histórico muda e traz novas demandas. Só conservar o antigo também é uma forma de reducionismo. Mudar é necessário, mas o que mudar? Como mudar? Como discernir o que deve ser mudado e o que deve ser conservado?

O grande desafio proposto na aurora pós-humana é o de desenvolver-se na inteireza, procurando construir uma “síntese harmoniosa”, porém aberta, dos diferentes aspectos que constituem nossa complexidade. Esta é nossa riqueza, beleza, sofrimento e desafio.



Figura 22 - Mulher resistente conversa com extropiano Neófito.

Transgressão: a estranheza como uma forma de provocar a quebra de velhos paradigmas.

A condição humana de ser histórico e, portanto, de inacabamento alimenta-se também da possibilidade que o ser humano tem de transgredir. Para Fachini (2001, 67):

Transgressão contém, no seu bojo, força disruptiva.

A pessoa ou idéia nova possuem a capacidade de romper com o estabelecido, romper com a lei; uma espécie de movimento que estilhaça o que havia antes; atomização de uma idéia, doutrina; fragmentação de uma sustentação preexistente; força de divórcio ou de separação em relação a instituições ou domínios.



Na latência dessa energia nova, insuspeitável, existe uma situação de máximo desconforto, insuportabilidade, ambiente intolerável, impasses no entendimento, no vínculo, na compreensão esgotada, no mal-estar existente entre pares, na sociedade, num método de tratamento, numa instituição insustentável, reacionária, parada no tempo e enferma no espaço dos componentes.

Assim podemos pensar que a transgressão é uma forma de trazer saúde para ambientes, organizações sociais e paradigmas “adoecidos”. É uma forma de vencer a normose⁸ que se alastra por meio das agências sociais interessadas na reprodução do paradigma organizacional dominante.

A estranheza que sentem em Edgar Franco, como já se falou anteriormente, e que percebem também em sua obra, é também ela uma forma de transgressão e de provocação para auxiliar a despertar da condição normótica na qual muitos se encontram. A transgressão causa estranheza e espanto. O espanto faz pensar. Não à toa o mestre Aristóteles sugeria que uma das exigências para o filosofar era o *espantar-se* diante da realidade. Edgar Franco assume claramente esta postura (Santos & Guimarães, 2008):

Minha obra artística nada mais é do que um reflexo de minhas buscas, dilemas transcendentais, amores, dores, esperanças e desesperos em relação a essa bela e contraditória maravilha chamada “espécie humana”. Ela incomoda, causa estranhamento. Um estranho cria estranhezas. (...) Minha obra reflete profundamente as minhas inquietações. Mas com certeza existe em mim uma profunda rebeldia diante das grandes possibilidades de alcançar a plenitude que estão inseridas no seio de nossa espécie e de como a escravização pelos dogmas políticos, culturais, religiosos e ideológicos têm impedido um real avanço da humanidade em direção a essa plenitude.

Entre nós muitos são os que se acostumaram a viver na obediência das diretrizes do paradigma dominante: o privilégio à racionalidade; a desconsideração da sensibilidade; o desprezo pelas experiências místicas e transpessoais; a adesão ao conhecimento científico como o único verdadeiro e adequado; o servilismo às regras religiosas; a exploração do outro humano e não-humano; a falta de cuidado para com a Terra; a desconsideração pela percepção de que há uma interligação que perpassa todos os viventes; a descrença na visão de que além de seres de necessidades instintuais somos também seres capazes de construir solidariedade, justiça, beleza, sentido e amor. Para estes as transgressões de Edgar Franco talvez pareçam mais fortemente estranha,

⁸ Uso aqui normose no mesmo sentido que emprega Jean Yves Leloup, ou seja, a doença proporcionada pelo fato da pessoa renunciar a seu desejo fundamental e seguir obedientemente as normas convencionais, o normal. Sobre isto conferir Santos Neto, 2005.



pois sua em sua obra estão presentes: o *desafio* de viver o diálogo entre diferentes; a *provocação* que faz perguntar se os conflitos interiores, muitas vezes destrutivos, podem ser superados e sintetizados numa atitude geradora de paz que, em permanente construção, possibilite serenidade, alegria, simplicidade e amor; a *ousadia* de propor o resgate dos antigos “rituais” (= tecnologias do humano e do sagrado) que favoreciam a re-ligação interna do ser humano, sem menosprezar as contribuições da ciência e de suas aplicações tecnológicas, sabendo que as mesmas são de per si insuficientes para esgotar a complexidade da realidade e da condição humana. São transgressões imaginadas por alguém que, pela arte e pela ciência, vem se empenhando por vivê-las em seu cotidiano, inclusive em seu próprio visual.

Transcendência: o eu, o outro, a sociedade e o cósmico na visão de Edgar Franco.

Uma das características presentes no ser humano é a busca por superar e transcender os diferentes limites que a existência vai lhe colocando. De fato afirma o filósofo Mondin (1980, 64-65), especialista em antropologia filosófica:

Aquilo que é, porém, mais singular, em todas as expressões do agir humano, é a presença de outro tipo de superação, de transcendência, que não está voltada mais para o exterior, para os outros seres vivos, mas isto sim, para o interior, para o próprio homem; este, em tudo o que faz, diz, pensa, quer, deseja, demonstra sua constante tentativa de superar-se a si mesmo. O homem é essencialmente marcado pela *autotranscendência*.

O que temos visto na história da humanidade é que este empenho de autotranscendência tem sido impulsionado sistematicamente ao próprio *eu*, ou em direção aos *outros eus*, ou em direção à natureza ou, ainda, em direção ao que chamam Deus. De fato é possível descrever a história, as doutrinas – filosóficas, políticas, teológicas, artísticas – construídas por um sem número de humanos que trilharam os caminhos destas tendências e ousaram compartilhar suas experiências em obras que deixaram com esta finalidade. Elas têm sido fontes de sabedoria, mas também matrizes de atitudes limitadoras, manipuladoras e pré-conceituosas.

Paulo Freire (1982) vê o ser humano como um ser inacabado, político e aberto para construir na história a sua emancipação, pessoal e coletiva. Um ser chamado a “ser mais”, mas que pelos processos de dominação e exploração pode render-se ao “ser menos” e desumanizar-se. Stanislav Grof (1987) vê o ser humano como holo-holotrópico, isto é, simultaneamente direcionado para as realidades materiais (=



hilotrópico) e para a totalidade (= holotrópico). Pela hilotropia o ser humano é matéria, células, sangue, carne, ossos, órgãos, vida social, trabalho, objetividade. Pela holotropia o mesmo ser humano busca sentido, percebe-se vinculado a todos os vivos, pode vivenciar sua dimensão cósmica, religa seu mundo consciente com o mundo inconsciente, empenha-se por viver a espiritualidade não como uma imposição das religiões enquanto organizações sociais, mas como um princípio organizador e vivificador de sua própria existência. É este ser, hilo-holotrópico, que vem criando a cultura que lhe permitiu, e ainda lhe permite, sobreviver e desenvolver-se em meio a tantos problemas, obstáculos e desafios.

Esta complexidade de aspectos também está presente na obra de Edgar Franco, de modo especial nas questões religiosas expostas em sua narrativa ficcional e que envolvem discussões como: a natureza da alma humana; o lugar da tecnologia no processo humano de desenvolvimento; o processo educativo humano; a religião como caminho de ampliação da consciência, como “muleta”, como fuga e como instrumento de poder político e de dominação; a vida em família; as formas de amor; o desejo de paz infinita e eterna; as relações humanas na religião, no casamento, na educação, na amizade; a arte e o serviço ao outro como forma de autoconhecimento e de evolução pessoal e coletiva; a dúvida no processo de construção do conhecimento e do autoconhecimento; a importância de não perder processos naturais e humanos de constituição do *si mesmo*; a identificação entre a divindade e a realidade criada; o sentido do viver e do conviver. Todos estes problemas podem ser discutidos a partir da leitura das histórias do universo pós-humano de Edgar Franco que provoca a reflexão e não fecha as respostas a tais problemas.

Esperança: sobre a arte e os processos humanos de transformação e crescimento.

A esperança é uma possibilidade daqueles que entendem, como Paulo Freire, o ser humano como inacabado. Se inacabado, responsável por sua própria história e co-responsável pela história do coletivo humano, então isto quer dizer que seu amanhã não precisa ser necessariamente como é o hoje: pode ser diferente, há esperança. A esperança alimenta a luta humana no presente para que o futuro seja outro e, neste sentido, pode-se dizer que aquele que se desesperançou perdeu uma das principais fontes inspiradoras da luta e tem a vida fortemente ameaçada.



A arte para Edgar Franco é provocadora de esperança. A arte de Edgar também. Na entrevista que temos citado ele afirma:

(...) minha obra toda como artista multimídia guarda um forte laço com as ideologias utópicas e românticas da arte como meio de levar as pessoas à reflexão e à transformação. Todos os meus trabalhos possuem mensagens filosóficas, transcendentais ou ideológicas. Para mim a arte não é apenas um exercício ou jogo estético, é a maior de todas as ciências. Só a arte lhe dá a profunda liberdade transdisciplinar de unir universos tão diversos quanto o da física quântica e o dos moradores de rua, das bandas de rock e da teoria do caos, e assim por diante. (...) Acredito no poder de disseminação fractal de um pensamento, na ressonância morfogenética (Rupert Sheldrake), ou seja, na capacidade de uma única mente conseguir impregnar no inconsciente coletivo da espécie um novo pensamento que pode mudar nosso destino. Sou um criador de “memes artísticos”, unidades de informação poética que podem se disseminar ressonando morfogeneticamente em todos os humanos e modificando seu comportamento e o de futuras gerações. Se minha obra atingir um indivíduo que seja, essa possibilidade de disseminação memética já existe. O grande problema é que a mitificação primária religiosa e os dogmas étnicos e culturais disseminados como uma doença entre nossa civilização durante eras têm produzido memes hediondos cheios de ódio e individualismo egóico. (Santos & Guimarães, 2008)

A arte é provocadora de esperança porque é canal de manifestação da interioridade do ser e, portanto, é possibilidade de autoconhecimento e autotransformação que pode se irradiar até a transformação da realidade. O artista Edgar Franco não deseja pouco. Deseja com sua arte ajudar a criar um outro mundo – pós-humano? – onde o ser humano possa ser mais feliz, mais amoroso, mais fraterno e cercado das belezas que ele mesmo criou. Há esperança!

Refletindo sobre uma HQ de Edgar Franco: Parto.

A seguir apresento uma HQ de Edgar Franco publicada na revista “Arlectos e Pós-humanos” (II). Procurando mostrar o caráter poético-filosófico da produção do autor, trago algumas das reflexões que esta pequena história me possibilitou realizar. É uma história de apenas cinco páginas em que não há os requadros tradicionais das HQs. Cada página, por assim dizer, confunde-se com um grande quadrinho. O traço estilizado e sofisticado de Edgar Franco destaca-se e o leitor atento poderá observar detalhes simbólicos preciosos na construção de cada imagem. Nelas sente-se a tensão entre os humanos que éramos/somos e os humanos (pós-humanos?) que podemos vir a ser.



A NOVA FERRE
DOS ÚTEROS
ARTIFICIAIS,
ELETRODOMÉSTICOS
ACESSÍVEIS QUE
SUBSTITUEM A
ANTIGUA
REPRODUÇÃO
SEXUADA

A HQ começa com uma referência aos úteros artificiais entendidos como eletrodomésticos acessíveis. Eles substituem a antiquada reprodução sexuada: sofrida, desgastante, perigosa, mas também prazerosa. Certamente está presente aqui o tema da tecnologia no processo humano de desenvolvimento. Qual o lugar da tecnologia no projeto ético que nós humanos queremos desenvolver?



NOVOS SERES
TRANSGÊNICOS
MULTIFUNÇÃOAIS
SÃO GERADOS
NESSAS MÁQUINAS
BENDITAS

POUCOS INSISTEM NA
ANCESTRAL TÉCNICA BIOLÓGICA,
QUE DESGATA O CORPO E
ESTÁ SUJEITA A ERROS DO ACASO...

“Poucos insistem na ancestral técnica biológica, que desgasta o corpo e está sujeita a erros do acaso...” diz o texto da HQ. Será possível termos o controle absoluto de tudo? Será sadio termos o controle de tudo? O que nos assusta em não termos o controle sobre todas as coisas? São as imperfeições? As deficiências? O que são as imperfeições e as deficiências na ordem das coisas? Haverá perfectibilidade nas imperfeições e nos erros?



...ASSIM COMO AO TRAUMA
PERINATAL, QUANDO A
MUDANÇA BRUSCA E
DOLOROSA DE AMBIENTE
MARCA PROFUNDAMENTE
A CRIANÇA

Primeiro Otto Rank e depois Stanislav Grof nos ensinaram que o trauma do parto tem sido um momento importante para constituição do ser humano. Nele aprendemos o processo doloroso de morte e renascimento. A vida é um permanente movimento que supõe saber morrer para o que já passou e saber nascer para o novo que está nascendo ou renascendo. Este aprendizado, contudo, é feito na dor. Será possível abolir este processo? Será possível eliminar a dor? Será desejável? Qual o limite aceitável da dor? Eliminar a dor seria eliminar nosso aprendizado para enfrentar a construção da existência?



No mundo futuro talvez não seja mais característica dos partos o choro das crianças, que morreram para a vida do útero e nasceram para a vida nas culturas e sociedades humanas. Talvez elas nasçam sorrindo uma vez chegadas à maturação. Talvez não corram mais os riscos de um “berço ruim” como no útero antigo.



Mas haverá para elas a possibilidade de conhecer a alegria e a serenidade da vitória de quem trilhou o caminho entre a morte e o renascimento? Ou haverá “uma profunda tristeza enigmática em seus semblantes”? O que queremos? O que estamos fazendo?

Considerações Finais

Em tempos nos quais as culturas humanas sacodem-se no empenho de construir novos caminhos para a continuidade da vida, com sentido, sobre o planeta o trabalho artístico e de pesquisa de Edgar Franco sugere que:

- A *construção inteireza* como síntese criativa e inacabada dos contrários presentes na condição humana continua a ser um desafio fundamental que, se respondido positivamente, auxiliará a construção de novas perspectivas para a humanidade;
- Na construção coletiva mister se faz, considerando nossa história e nossos saberes acumulados, definir que *projeto ético* queremos defender para nós como conjunto humano tomando como ponto de partida nossas diferenças;
- As *Artes são um caminho privilegiado* de autoconhecimento, auto-expressão e construção de conhecimento transdisciplinar e como tal podem auxiliar o processo humano de desenvolvimento em suas relações com as necessidades de transgressão, transcendência e esperança.

Oxalá os trabalhos de Edgar Franco possam continuar a produzir nos corações humanos frutos de criatividade...Daquele tipo que necessitamos para construir um mundo com mais alegria, beleza e fraternidade.



Referências bibliográficas

ANDRAUS, G. **Entrevista concedida a Elydio dos Santos Neto**. In: Anexo de E-mail de Gazy Andraus para Elydio dos Santos Neto, em 21 de maio de 2007, às 06:02, 2007.

FACHINI, N. **Psicanálise: O crepúsculo dos deuses e a transgressão de Prometeu**. Petrópolis: Vozes, 2001.

FRANCO, E. S. **Panorama dos Quadrinhos subterrâneos no Brasil**. In: CALAZANS, F. M. A. (Org.) **As histórias em Quadrinhos no Brasil: Teoria e Prática**. São Paulo: Intercom/Unesp/Proex, 1997, p. 51-65.

_____. **Hqtrônicas: do suporte papel à rede internet**. São Paulo: Annablume:Fapesp, 2004.

_____. **Perspectivas pós-humanas nas ciberartes**. São Paulo: USP/ECA, 2006. (Tese de Doutorado).

FRANCO, E. & COUTO, M. **BioCyberDrama**. São Paulo: Opera Graphica Editora, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 11ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GROF, S. **Além do Cérebro: Nascimento, Morte e Transcendência em Psicoterapia**. São Paulo: McGraw-Hill, 1987.

MAGALHÃES, E. **Poesia e Quadrinhos**, In: **Revista Mandala**, n. 12, junho de 2000, João Pessoa: Marca de Fantasia, 17-18.

MONDIN, B. **Introdução à filosofia: problemas, sistemas, autores, obras**. São Paulo: Paulinas, 1980.

SANTOS NETO, E. **Normose e prática docente: desafio para a formação de professores**. In: **Revista de Educação do COGEIME**, ano 13, no. 24, Piracicaba: COGEIME, p. 53-62, junho de 2005.

SANTOS, A.L.P. & GUIMARÃES, O. **Edgar Franco. Entrevista**. <http://www.nupill.org/mafua>. Acesso em 09/06/2008.

TORREIRO, H. [8] **Expofanzines. Exposición Internacional de Fanzine e Prozines**. IX Xornadas de Banda Deseñada de Ourense. Ourense: Phanzynex/Casa da Xuventude/IX Xornadas de Banda Deseñada/Xunta de Galicia, 1997.